

UNIBRASIL

ACADEMIA



The logo consists of a yellow graduation cap (mortarboard) with a tassel hanging down to the right. Below the cap is a yellow five-pointed star. A yellow curved line arches under the word 'ACADEMIA'.

Roberto Banaco: a despatologização da doença mental

RESUMO:

Roberto Alves Banaco, a convite do curso de Psicologia, ministrou a palestra “Despatologizando a psicopatologia: um analista do comportamento apresenta sua proposta de entendimento da doença mental”. Banaco apresenta sua concepção das psicopatologias, a partir do aporte teórico da análise do comportamento, que compreende os comportamentos como funcionais e adaptativos dentro do contexto em que ocorrem.

AUTORAS:

Graciela Sanjutá Soares Faria – professora e coordenadora do curso de Psicologia do UniBrasil Centro Universitário.

Sulliane Teixeira Freitas – professora do curso de Psicologia do UniBrasil Centro Universitário.

Roberto Alves Banaco é psicólogo, professor no Programa de Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada do Paradigma, do Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, estabelecido na cidade de São Paulo. Além disso, é membro do Conselho e da Comissão de Acreditação da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental.

Em sua palestra, Banaco apresentou a proposta de um analista do comportamento para a compreensão das



psicopatologias, entendendo-as como comportamentos funcionais e adaptativos, totalmente explicados a partir das relações que o indivíduo estabelece com o ambiente.

Em uma primeira discussão, Banaco afirmou que os extremos “saúde e doença” não são representativos de todos os possíveis estados do ser humano, e devemos considerar variações graduais entre tais extremos. Uma segunda discussão referiu-se à questão de que os estados mencionados anteriormente não são permanentes e podem se modificar em função de condições biológicas, condições de vida do indivíduo ou até mesmo situações estressantes. Foi ressaltada a importância de se considerar múltiplas variáveis na análise do ser humano, divergindo, assim, de uma postura de rotulação e estigmatização.

A ideia de “normal e anormal” nas psicopatologias pode ser balizada por diversos critérios. Por exemplo, o critério estatístico, em que algo será chamado de “normal” por motivo de ser frequente, e de “anormal” por ser observado apenas em alguns casos. Outro exemplo de critério é o do sofrimento, em que será “normal” quem não sofre e “anormal” quem apresente algum sofrimento. Outros critérios foram mencionados por Banaco, para frisar a ideia de que não existe uma definição absoluta para as condições ditas “normais” ou “anormais”, visto que são estabelecidas diante de parâmetros.

Essas argumentações serviram de base para que fosse apresentada a compreensão analítico-comportamental das psicopatologias aos alunos do curso, objetivo primeiro da palestra. Banaco explicou que enquanto a

sociedade entende as psicopatologias como comportamentos disfuncionais, anormais e indesejados por serem prejudiciais, a Análise do Comportamento pressupõe que todo comportamento é funcional dentro do contexto em que ocorre, ou seja, existe uma razão para que ele ocorra, e essa explicação é buscada na interação do indivíduo com o ambiente. Tal compreensão tem origem na oposição aos modelos médicos que entendem os comportamentos psicopatológicos como disfuncionais, expressões de experiências traumáticas e como sintomas que refletem suas causas subjacentes.

Banaco discorreu sobre o surgimento do Behaviorismo para contextualizar as argumentações que visava sustentar. Destacou que a história da Filosofia Behaviorista é marcada por uma oposição ao modelo médico e seus pressupostos. Explicações passaram a ser insuficientes, pois não eram passíveis de comprovação, e também porque havia muitas interpretações permeando o estabelecimento de diagnósticos.

O Behaviorismo diferencia-se por adotar uma postura funcionalista, que busca entender o valor de sobrevivência que um comportamento tem para o organismo. A argumentação funcionalista sustentou-se na influência de áreas do conhecimento como a Biologia e a Fisiologia, em pesquisas e estudos com animais para compreensão do ser humano, no foco em variáveis ambientais e em sua relação com o comportamento.

A concepção analítico-comportamental sobre os transtornos psiquiátricos baseia-se no pressuposto de que todo comportamento

apresentado por um indivíduo foi selecionado a partir de contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais, inclusive os que são chamados de psicopatológicos. Banaco buscou explicar a complexidade de fenômenos comportamentais à luz do modo causal de seleção por consequências. Afirmou, ainda, que a sensibilidade aos aspectos do mundo é tão importante que toda hora que algum aspecto entra em contato com o organismo, modifica-o, selecionando a ação que o antecedeu. Somos sensíveis a estimulações e por meio de condicionamentos respondentes podemos passar a reagir ao mundo de formas aprendidas. Pareamentos entre estímulos podem conduzir à sensibilidade a condições previamente neutras. Quando aversivas, passamos a evitá-las. Medos, fobias e transtornos de ansiedade em geral podem ser entendidos sob essa ótica. Somada à sensibilidade, nossa história de vida descreve as relações que estabelecemos com o ambiente, modificando-o e sendo por ele modificados, ou seja, sofremos ação de reforçamento. Assim, por meio de exemplos, Banaco explicou como comportamentos são adquiridos e mantidos e porque, muitas vezes, mesmo sofrendo as consequências aversivas, não conseguimos mudar.

Apesar desse entendimento funcional a respeito dos fenômenos comportamentais, Banaco afirmou que não se pode negar que eles trazem sofrimento. Sofrimento esse, motivo da procura por psicoterapia. Essa busca surge no momento em que há conflito entre os três níveis de seleção do comportamento (biológico, história de vida pessoal e práticas culturais). Os comportamentos são selecionados em todos os níveis, porém, o autor explica que existe uma prioridade social pelo controle cultural.

A sociedade exerce vários tipos de controle sobre os indivíduos, que muitas vezes são coercitivos. Por assim serem, trazem consigo efeitos colaterais que afetam tanto o indivíduo como o grupo. Dentro de uma lógica de seleção comportamental, comportamentos que beneficiem o grupo se sobrepõem aos que beneficiem apenas o indivíduo. Banaco explica que a sociedade cria agências de controle social tais como governo, religião, economia, educação, para garantir que o benefício do grupo prevaleça. Como resultado disso, surgem expectativas de ação sobre o indivíduo e seus comportamentos passam a ser rotulados. São indesejáveis os comportamentos ditos ilegais, pecaminosos, e ações que definem o indivíduo como improdutivo ou incapaz. São exigidos repertórios tais como competir, controlar, buscar felicidade e evitar sentimentos negativos, ser bonito, ser saudável. Quando esses comportamentos tornam-se exacerbados, podem revelar uma psicopatologia do comportamento. São exemplos de influência cultural sobre comportamentos psicopatológicos a depressão nos anos 80, alavancada pela crise econômica e pela recessão, e a ansiedade nos anos 90, que preconizava a cultura ao corpo, geração saúde, controle e recuperação das condições financeiras.

A psicoterapia surge como uma agência de controle social, um produto cultural, que tem como finalidade desfazer os efeitos do controle aversivo, melhorar e promover o autoconhecimento. Banaco sinalizou que os rótulos mencionados anteriormente são entendidos socialmente como ausência de autocontrole, que por sua vez é sinônimo de transtorno. Logo, a sociedade cria a psicoterapia como uma forma de reverter tais comportamentos.

Banaco buscou “despatologizar” os comportamentos psicopatológicos elucidando que são comportamentos que podem ser totalmente explicados a partir de determinações ambientais e que, por isso, não há razão para entendê-los como anormais. Argumentou que a partir da leitura de manuais de transtornos psiquiátricos podemos nos identificar com muitas das descrições que lá estão, o que muda é a quantidade, a latência e a duração. São essas dimensões que definem algo como psicopatológico. A “psicopatologia comportamental” é entendida como déficit ou excesso comportamental, com finalidade de adaptação ao ambiente, que leva a algum tipo de sofrimento, com reações emocionais intensas. É a busca do indivíduo em se ajustar a certas condições, visando reduzir a aversividade do contexto em que se encontra. Se o comportamento se mantém apesar dos prejuízos que causa ao indivíduo, certamente ele tem uma função importante de eliminar um sofrimento ainda maior.

Para Banaco, a mudança desse cenário, visando a prevenção das psicopatologias e a promoção da saúde comportamental depende da mudança das práticas culturais. Se são elas, em grande medida, as responsáveis pelo sofrimento dos indivíduos, é a partir de sua mudança que o comportamento passa a mudar. Práticas culturais menos aversivas e controladoras, tais como redução de jornada de trabalho, ócio criativo, educação não coercitiva diminuem a exigência de desempenho dos indivíduos, e afetam, por consequência, déficits e excessos comportamentais.

A palestra proferida teve grande importância no sentido de prover um novo entendimento sobre o tema das psicopatologias. A mensagem passada foi a de que não há sentido nos conceitos de normalidade ou anormalidade e de que é possível olhar para os comportamentos “psicopatológicos” assim como se olha para qualquer outro comportamento, pois são sempre a melhor forma do indivíduo lidar com o ambiente, que pode se tornar hostil a depender da sensibilidade do indivíduo, da sua história de vida e das práticas culturais mantidas pelo grupo no qual está envolvido.



A coordenadora do curso de Psicologia do UniBrasil, Graciela Sanjutá Faria, o palestrante Roberto Banaco e a professora da UFPR Maria Virgínia Filomena Cremasco